

UME MARTINS FONTES

Atividade de Língua Portuguesa

Nome: _____ nº 7
ano_profª

Texto extraído do acervo da Olimpíada de Língua Portuguesa: “Carreiro de memórias.”

Autora: Beatriz Aparecida Melo Garcia.

O tempo passou sem que eu percebesse. Lá se foram 81 anos, todos vividos neste casarão centenário, cheio de histórias, fincado nas terras de Minas Gerais, na pequena comunidade dos Antunes, zona rural de Santa Bárbara do Tugúrio.

Ainda há pouco, sentado na varanda, com o pito de palha no canto da boca, matutando, avistei meu carro de boi, carcomido pelo tempo, abandonado debaixo da gameleira. Aquela imagem me fez voltar à infância e carrear antigas lembranças. Época em que a cana de açúcar, o alambique, a cachaça e a bagaceira movimentavam esse lugar. Tudo orquestrado pelo canto do carro de boi. Meu avô, tenente Antunes, forte como aroeira e doce como jabuticaba estava no comando.

Eu tinha sete anos quando ele me ordenou que eu o aguardasse no escritório. Temi que meu avô houvesse descoberto que eu armara um alçapão para pegar canarinho. Ele dizia: “Quem prende passarinho não entende nada de beleza, tem aleijão na alma”. Com minhas asas encolhidinhas, rumei para o escritório. Não tardou, ele chegou e falou de supetão: “A partir de amanhã você será o carreiro da nossa comunidade, condutor dos bois que transportam cana para o alambique da fazenda.”

Naquela época, carreiro era a profissão mais importante do lugar. Eu não tinha noção disso, era apenas um menino! Sabia só do alívio que senti em não ser pego em minha travessura. Passei a sair de madrugada. Levava no embornal (bolsa para transportar alimentos) a marmitta, a rapadura e o coité (moringa feita de cabaça) com água. Comigo iam dois homens bons: Doraci e Benondio. Quanto mais pesada era a carga, mais o carro cantarolava. Os bois obedeciam ao meu comando. Não era preciso usar a força.

À tardezinha voltávamos para casa. De longe eu sentia o olhar orgulhoso de meus pais e de meu avô me abençoando. Minha mãe aquecia uma caçarola com água e colocava na bacia para eu me banhar. Depois nos servia o jantar, preparadas em panelas de ferro, no velho e bom fogão a lenha. Daí a pouco, todo o pessoal do lugar se reunia no casarão para estudar. Meu avô contratara um professor e fizera do maior salão dessa casa a primeira sala de aula de nossa comunidade. Todos, sem distinção, foram convidados a estudar aqui.

O domingo era dia santo, de reza e descanso. Nós, além de rezar, jogávamos bola. Eram dois times: Arranca toco e Pé rachado. Soltávamos pipa, tomávamos banho no ribeirão e ouvíamos as histórias do meu avô. O mais curioso é que hoje, com toda a tecnologia e brinquedos eletrônicos, as crianças ainda insistem em trabalhar assim. Só mudaram os figurantes. Os meninos são outros. O contador de histórias também. Sou uma criança de ontem que sopra o passado nos ouvidos das crianças de hoje e que sente por não poder contar com o avô, menino de anteontem, uma história que se inicia agora.

Pois eu não me esqueço do domingo em que o acompanhei até o porão. Ele me contou que na época de seu pai, meu bisavô Joaquim Antunes, ali era uma senzala e que foram os escravos, sem receber um vintém, que ergueram a casa grande. Trouxeram, de longe nos braços, pedras e madeiras enormes. Muitos morreram de exaustão. Falou-me da vergonha que sentia e da nossa dívida para com o povo negro. Aquilo caiu no meu peito como uma oração de domingo, e o respeito aos afrodescendentes se enraizou em mim.

É por isso que eu queria comungar com ele uma história que começa agora. Sei que sua alma, iria sorrir ao ouvir que hoje os negros têm lugar reservado em universidades e que nas escolas, inclusive nas do nosso município, as crianças estudam a cultura africana. Será que começamos a saldar nossa dívida? Espero que sim.

E, quando a vida ruma para o amanhã, da minha janela vejo o carro de boi cabisbaixo. Cabisbaixo também estou. Caímos em desuso. Já não podemos ver o carro de boi passar cantando, conduzido pelo menino que se divertia em carrear. Nossa poesia se perdeu no tempo. Resta a ele trazer-me as recordações daquela época. Resta em mim carrear-las.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Vicente

Antunes Garcia)

Interpretação textual.

1 – O termo “carreiro”, que faz parte do título desse texto, refere-se a:

- A () Vaqueiros do sertão do Norte e Nordeste brasileiro;
- B () Motoristas de engenhocas criadas por colonos do estado de Minas Gerais;
- C () Encarregados que conduzem carros de boi, cargo reconhecido nas antigas fazendas do Sudeste do Brasil.
- D () Empregados de confiança dos donos de fazenda que negociavam cana de açúcar nos comércios da pequena cidade de Santa Bárbara do Tugúrio.

2 – Entre as alternativas abaixo, **SOMENTE DUAS** estão de acordo com o texto que você leu. Marque-as:

- A () “Naquela época, carreiro era a profissão mais importante do lugar...”

B () “ Além dos escravos negros, a fazenda ainda contava com imigrantes vindos de várias partes do Brasil, que eram acolhidos sem distinção.”

C () “ Nem sempre podíamos jogar bola aos domingos, pois era uma tradição da nossa família participarmos das atividades da igreja.”

D () “ minha mãe aquecia uma caçarola com água e colocava na bacia para eu me banhar.”

3 – Segundo o texto, o carro de boi representa para o personagem:

A () Uma lembrança dos seus tempos de menino, quando se tornou “carreiro”.

B () O instrumento de trabalho do seu avô Doraci e seu tio Benondio;

C () Algo triste e saudosos, porque lembra o abandono desse tipo de transporte nos dias atuais;

D () Uma recordação familiar que levava os produtos da comunidade de Antunes para Santa Bárbara do Tugúrio.

4 – Marque (V) para as alternativas verdadeiras e (F) para as falsas:

() O bisavô do protagonista lembra com tristeza que os escravos trabalharam sem ganhar “um vintém” para construir a casa grande;

() Conduzido pelo avô até o escritório da fazenda, o menino recebeu de supetão a notícia de que seria o novo carreiro;

() Os nomes dos times do vilarejo eram: Pé de sola e Bota de chumbo;

() A responsabilidade como carreiro também se estendia à prestação de contas dos galões de leite vendidos na cidade;

() O menino carreiro tinha a companhia de dois bons homens: Anastácio e Francisco, que o acompanhavam na viagem.

5 – Na frase: “E, enquanto a vida ruma para o amanhã, da minha janela vejo o carro de boi ***cabisbaixo***. ***Cabisbaixo*** também estou.” A palavra grifada significa:

() euforia () tristeza () saudade () vergonha () respeito

6 – Qual seria a sua definição da expressão: “Caímos em desuso”?